

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
ADELIANE APARECIDA DE ALMEIDA SILVA

**QUEBRANDO BARREIRAS- INCLUSÃO NAS ESCOLAS BRASILEIRAS-
RESSALTANDO AS MEMÓRIAS ACADÊMICAS DE CONQUISTAS
GRANDIOSAS.**

ARAXÁ- MG
2021

ADELIANE APARECIDA DE ALMEIDA SILVA

**QUEBRANDO BARREIRAS- INCLUSÃO NAS ESCOLAS BRASILEIRAS-
RESSALTANDO AS MEMÓRIAS ACADÊMICAS DE CONQUISTAS
GRANDIOSAS**

ARAXÁ

2021

“O sujeito mais confiante tenta mais, erra mais, aprende mais”. (PIAGET)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me fortaleceu e sustentou em todo o percurso desta caminhada.

Aos meus pais pelo fortalecimento. A minha irmã Lilian pelo esforço que me sustentou para que estivesse o tempo todo auxiliando as minhas dificuldades e minha irmã Daniela que auxiliou com todo o fator incentivador deste trabalho. A meu marido Luis que muito me ajudou quando das minhas dificuldades de informática.

A minha filha Izabelly que compreendeu o meu não poder estar todo o tempo com ela.

As minhas Tutoras Ana que não pode continuar, mas sempre apoiou o percurso e a tutora Rita que nos adotou com tanto carinho e amor e dedicação e orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

RESUMO:

Este trabalho aborda pontos relevantes da trajetória da vida estudantil, profissional e acadêmica de Adeliane Aparecida de Almeida Silva, objetivando descrever recordações da infância, desde o primeiro contato com as experiências pessoais e profissionais adquiridas, passando pelo ingresso na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), sendo esse acontecimento o ápice da realização do sonho de chegar à formação acadêmica pedagógica. Reflete ainda o processo de construção do conhecimento durante o período de formação e aprendizagem, bem como as transformações e redimensionamentos em minhas práticas pedagógicas, diante de uma nova compreensão das teorias e concepções educacionais do pedagogo, ressaltando a inclusão nas escolas brasileiras, abordando a trajetória histórica da educação das pessoas com necessidades educacionais especiais.

Palavras- chave: Formação. Memória. Prática Pedagógica, Inclusão escolar.

LISTAS:

FIGURA 1- Demonstração das crianças durante a atividade.

FIGURA 2- Trabalho de modelagem para as crianças com doce de leite ninho.

FIGURA 3 - Despedida e premiação para as crianças.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	8
2- DESENVOLVIMENTO	9
2.1 – VIDA ESTUDANTIL: TRAJETÓRIA ACADÊMICAS	9
2.2- TRABALHOS REALIZADOS	20
3- CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
4- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39



1- INTRODUÇÃO:

O Presente trabalho foi proposto pela Faculdade Federal de Uberlândia referente à disciplina do Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Pedagogia à distância, relatando a vida acadêmica e suas experiências vivenciadas dos alunos desde os anos iniciais até a formação atual.

O memorial é um gênero que se caracteriza por apresentar as “memórias” de seu autor, isto é, o registro dos momentos que considera importante. Estes momentos são selecionados de acordo com as finalidades e as relações que o autor estabelece com os objetivos. Além disso, possibilita o registro de opiniões, inquietações e experiências.

Este memorial caracteriza-se com capítulos e tem por objetivo apresentar sua estrutura composicional, abordando a primeira grande reflexão exame da formação inicial da alfabetização ao ensino superior, tanto no setor pessoal, educacional quanto profissional, destacando as instituições de ensino, os professores, as reflexões e as análises das aprendizagens com relação a prática educativa do pedagogo adquiridas durante a trajetória acadêmica destacando os acontecimentos mais marcantes, e as aprendizagens que de forma geral contribuíram para o desenvolvimento de diversos campos.

No decorrer dessa narrativa, considera-se a importância deste trabalho para a formação continuada em decorrência dos estudos realizados durante o curso de Pedagogia e uma revisão das obras estudadas ao longo do curso. Os autores aqui citados foram selecionados para fundamentar os conhecimentos pessoais, bem como uma preocupação em destacar em cada período a questão que me pareceu mais ilustrativa e mais importante.

Objetiva – se apresentar acontecimentos marcantes ocorridos na trajetória estudantil, profissional e acadêmica ressaltando a inclusão social nas escolas brasileiras. Escrevê-lo é trazer para o presente, momentos jamais esquecidos e vivenciados em diferentes situações e nas diversas etapas da vida acadêmica.



2- DESENVOLVIMENTO:

2.1 VIDA ESTUDANTIL: TRAJETÓRIA ACADÊMICA

Escrever este memorial de formação é um desafio gratificante, pois caminhei em busca do meu passado adormecido. Ao longo do trabalho, farei essa reconstituição. Nasci na cidade de Araxá no Estado de Minas Gerais, ano de 1985, resido na Cidade de Araxá.

Venho de família muito humilde composta pelos meus pais, eu e duas irmãs e um irmão. Minha mãe cursou até o quinto ano do ensino fundamental e meu pai cursou o ensino médio, porém sempre esforçados lutavam para que os filhos obtivessem a oportunidade de estudar. Entre os 4 filhos, todos concluíram o ensino médio e chegaram ao nível superior. Acredito que isso ocorreu devido ao interesse e esforço por parte dos meus pais, para que todos os filhos conseguirem uma vida melhor.

Essa será minha segunda graduação. Sou graduada em Biologia, pela Universidade Uniaraxá, e pós graduada em Microbiologia pela faculdade de Uberaba.

Minha trajetória estudantil deu-se nos meados dos anos 80, quando tinha 3 anos, fui matriculada na Escola Municipal Professor Nelson Gomes, localizada na Rua Santo Antônio 1240, no Bairro Santo Antônio na Cidade de Araxá em Minas Gerais, que oferecia ensino de maternal para crianças de 2 a 5 anos que antigamente era chamado de do jardim 1 que o aluno fazia com 2 anos, jardim 2 com 3 anos, jardim 3 com 4 anos e pré com 5 anos. A escola era bastante ampla, na entrada tinha um portão de grade pequeno, uma quadra grande e descoberta e um parquinho na frente, e as salas de aulas os banheiros e a secretaria era no final do terreno construída em uma estrutura de tijolinhos.

Naquela época ainda chamávamos as professoras de tia, que sabe-se que assumir a função de professora é mais que ser uma simples tia. Requer cuidar e educar para vida, para que cada educando possa construir sua história baseada nos valores morais e éticos, podendo assim, exercer a cidadania.



Recordo que minha sala de aula era bem ampla e muito arejada, onde cantávamos muitas músicas infantis, brincávamos em um recanto de areia e nossas atividades eram muito divertidas com bastante pinturas em desenhos mimeografados para colorir com coleções de madeiras e giz de cera. As professoras não incentivavam os alunos a construírem seus próprios desenhos, deixando assim de estimular o processo criador e o fazer artístico das crianças. Com relação às propostas oferecidas pela professora, as técnicas utilizadas para trabalhar a coordenação motora da escrita não se diferem muito das atualmente utilizadas em algumas instituições de ensino, nas quais a prática comum é ligar pontinhos para formar as letras e os números, como também relacionar gravuras, com as letras iniciais das palavras. É necessário deixar que a criança desenvolva seu lado artístico, pois elas têm por natureza criatividade, curiosidade e o prazer de aprender. E ao lembrar esses momentos tão prazerosos sinto muita saudade daquele tempo. Como eu morava próximo à escola, conta minha mãe que eu queria ter autonomia para ir à escola sozinha, mas ela não permitia.

Nesta instituição permaneci por um tempo, brincava bastante e adorava as aulas de cantos e artes. Salas de alfabetização na qual comecei as primeiras aprendizagens de leitura e de escrita, a partir de um método sintético, que consiste na apresentação de letras, sílabas e formação de frases. Isso se realizava de maneira descontextualizada e mecânica, fazendo com que o aluno identificasse imagens e relacionasse ao som das letras. Quando todos esses códigos (letras) eram memorizados e a criança tinha capacidade de formar palavras e lê-las, era considerada alfabetizada. Portanto, observo que a aprendizagem inicial da leitura e da escrita é uma questão que exige mecanismos e se trata da obtenção de uma técnica para decifrar o texto lido, porque se concebe a escrita por meio da transição gráfica da linguagem oral e ler equivale a decodificar o escrito em som.

Com o passar dos anos chegou a fase de realizar o pré e me despedir da escolinha infantil. Foi bem ruim, porém todos estavam empolgados e curiosos com a nova etapa, meus pais resolveram me transferir para outra instituição, chamada Escola Estadual Pio XII para fazer o pré e seguir dando seqüência ao



ensino infantil. Essa etapa de minha vida, eu considero importantíssima, porque foi a base de toda minha aprendizagem.

Quando cheguei ao ensino fundamental, com exatamente 5 anos de idade fui matriculada na Escola Estadual Pio XII, para fazer o pré, mas como na época estavam fazendo testes com os alunos para que pudessem passar do pré e ir direto para a primeira o diretor resolveu fazer o mesmo comigo. Este teste fez com que adiantasse minha vida escolar um ano, porque fui do jardim 3 direto para a primeira série. Esta instituição era localizada na Rua Av. Joaquim Porfírio Botelho, 240 no Bairro Recanto das Mangueiras e oferecia ensino de 1º a 4º série.

No Pio XII, apesar da minha timidez, já estava mais sociável, conheci várias coleguinhas, gostava das professoras, lembro que tinham duas em cada série, uma destinada a matérias exatas como matemática ciências e a outra para as demais. Esta instituição era grande, toda cercada de alambrado na frente, cheia de árvores, composta por várias salas, biblioteca, cantina e um palco que eram realizadas as apresentações e festas juninas, tinha uma área de recreação repleta de árvores frutíferas, parquinho e uma quadra.

Os momentos festivos eram deliciosos que proporcionavam muitas emoções a todos e ficavam marcados na vida toda. As aulas me deixavam muito apreensivas, porque, muitas vezes, não entendia nada e minha timidez atrapalhava muito. Os professores também adotavam a pedagogia tradicional, sendo fundamental em suas aulas a ordem, o silêncio e, essencialmente, o respeito. Sobre isso, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) introdução, numa sequência predeterminada e fixa independentemente do contexto escolar; enfatizando a necessidade de exercícios repetidos para garantir a memorização dos conteúdos. Portanto, pelo que recordo, as atitudes adotadas pelos professores seguiam exatamente o que é relatado nos PCN. A metodologia de ensino baseava-se em atividades de cópias, ditados e memorizações, principalmente, da tabuada. Acreditava-se que, por meio da prática da repetição, se levariam os discentes à aprendizagem mais facilitada.



Acredito que a prática da repetição não contribui muito com a aprendizagem das crianças, pois se elas aprendem brincando, pelo lúdico é possível assimilar o conteúdo de forma mais significativa, por exemplo, nas aulas de matemática. Esse foi dos fatos que me marcou nesta instituição foi quando fui aprender a tabuada, todos os alunos tinham muito receio do diretor apelidado como professor Cachoeira, e as professoras aproveitando deste receio falavam para os alunos que ele iria tomar a tabuada através de um sorteio em na sua sala em qualquer momento. Diante desta situação, os alunos com medo decoraram a tabuada e ficava esperando o diretor se pronunciar sobre o sorteio que nunca aconteceu.

Nenhuma disciplina torna-se difícil se trabalhada com estratégias que levem o aluno a aprender de maneira lúdica, principalmente nas séries iniciais do ensino fundamental, porque, nessa fase, a criança tem curiosidade e prazer em aprender. Principalmente nas aulas de matemática, na qual a maioria dos alunos sente dificuldades de assimilar alguns conteúdos.

Em comunicação e expressão, as aulas eram destinadas à leitura de pequenos textos, à prática do ditado de palavras e à cópia. Não havia a preocupação em levar o aluno à produção de textos, para que ampliasse sua criatividade. O que seria importante, pois, quando os textos são espontâneos, as crianças escrevem com mais interesse, sendo produção própria e não cópia. Já nas disciplinas de estudos sociais e ciências, os conteúdos eram trabalhados de acordo com o que os livros ofereciam. Mesmo os assuntos retratados no livro didático não tendo relação com o nosso cotidiano, essas eram as disciplinas com que eu me identificava, porque falavam sobre a vida, o corpo humano, a natureza e os animais. Enfim, tinham mais relação com o meu cotidiano pois o professor de ciências deve levar o aluno a compreender o mundo em que vive. Para isso, é necessário utilizar nas aulas de campo quantas experiências concretas de fenômenos cotidianos forem possíveis, tendo em vista que o trabalho dinâmico irá agradar a turma além de facilitar a compreensão do tema abordado



Nesta instituição o que mais senti falta quando fui para outra instituição, foi a comida da cantina que gostava muito, todos os dias as 9 e 30 da manhã era oferecida um almoço as crianças e como era muito difícil para me alimentar me apeguei a esta refeição, portanto deixava de tomar café em casa para comer na escola. Ao terminar essa etapa, chegou o tão esperado momento. Era o estar contente com a escola mais reconhecida da cidade. Pais dormiam na porta dessa escola pra conseguir vagas. A escola era e ainda continua sendo a melhor escola pública em relação ao ensino fundamental e médio. Ela se chama Professor Luis Antônio Moreira de Oliveira.

A continuação da Formação do ensino Fundamental se deu na Escola Estadual Professor Luis Antônio Moreira de Oliveira popularmente conhecida como Polivalente. A mudança de escola me causou muita ansiedade: ficava imaginando como seriam meu primeiro dia de aula, as novas amizades que surgiriam e os novos professores.

Outro fato inovador para mim foi a quantidade de professores, pois no ano anterior era apenas um para as quatro disciplinas. A partir daquele momento, passavam a ser oito. Além do acréscimo de novas matérias sendo elas: programa de saúde, inglês, educação artística, educação física e biologia. A escola tinha um porte maior, inclusive com grande número de alunos e turmas.

Em período de provas e testes, eu pegava meu caderno e estudava até conseguir decorar o conteúdo. Ficava muito ansiosa, temendo errar e obter notas baixas, pois não queria que meus pais recebessem reclamações da escola. Na medida do possível, procurava ter um bom comportamento. Diferentemente do que hoje acontece, pois que a avaliação é contínua. O aluno é avaliado em todos os aspectos possíveis da sua aprendizagem. Recordo que as feiras de ciências e cultura aconteciam no mês Julho. Era um momento muito especial oferecido pela escola, no qual os alunos podiam mostrar seus talentos, através de algumas atividades produzidas por eles. Por meio de maquetes e de demonstrações de experiências, conseguíamos vivenciar e adquirir novos conhecimentos, além da oportunidade de adquirirmos boas notas pelos trabalhos apresentados em



grupo. Era uma semana muito agitada na escola. Eu gostava muito de participar, observando os trabalhos dos colegas. Alunos de outras escolas também iam prestigiar os nossos trabalhos. Eu ficava muito orgulhosa de expô-los.

Muitas emoções os alunos tinham nessa escola. Recordo também que haviam gincanas esportivas, onde se dividiam todos os alunos da escola em duas equipes: Branca e Amarela. Alunos saiam nas casas pedindo óleo para arrecadação, onde seriam doados para instituições carentes. A equipe que venciam os jogos e que tivessem o número maior de óleo era a vencedora. Os alunos vencedores saiam pelas ruas laterais comemorando com todos os batuques, instrumentos musicais era uma festa que só. Mas também valia ressaltar que contava as notas. Os vencedores tinham que ter notas boas, influenciado todos a estudarem e ganhar maiores conhecimentos. E mais uma vez chegava o momento de trocar de escola. Nessa escola havia o ensino médio, porém meus pais gostariam que fossem para uma escola particular para me ingressar de uma vez só na faculdade e quando sai e fui para o Colégio Atena, até me adaptar sem todas as minhas colegas foi difícil.

Com a promulgação da Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional, muitas mudanças ocorreram em relação a essa disciplina. Tenho observado que os professores estão mais capacitados para atuar de forma significativa, pois tenho observado algumas aulas no campo de estágio e tenho visto que os professores têm feito um ótimo trabalho com alunos de várias faixas etárias.

As aulas de português priorizavam o uso da gramática normativa. A prática da leitura e da escrita acontecia por meio de exercícios de produção de textos e leituras no livro didático. O ditado já não era utilizado. O aluno começava a ser incentivado a criar seu texto, expressando seu pensamento, por meio da escrita. Recordo que, logo no primeiro dia de aula, era pedida uma redação sobre o que o aluno esperava daquele ano ou que escrevesse sobre as férias.

Hoje, não basta apenas decodificar o código escrito. O indivíduo precisa estar inserido ativamente em um processo de letramento, que se estenda por toda vida. O objetivo é ter domínio e colocar em prática o que se aprende na



escola oferecendo assim maior possibilidade de participação nas redes sociais da linguagem oral e escrita. Na disciplina de matemática, a tabuada não era utilizada. Tínhamos de estudar os conteúdos que o professor passava para obtermos a nota máxima. Vale ressaltar que eu tinha muitas dificuldades nessa disciplina e na compreensão dos assuntos, por isso minha nota era sempre baixa ou a média limitada. Quase sempre ficava em recuperação para poder obter a aprovação. Já ciências e geografia eram minhas disciplinas favoritas por serem mais relacionadas com o meu cotidiano, sempre conseguia obter boas notas.

Assim, cheguei a esse nível de ensino com muita satisfação e com a certeza de que dessa vez não desistiria do curso porque meu futuro estava dependendo da conclusão do ensino médio com a expectativa do vestibular. Já estava sonhando com a faculdade e que dependeria do meu comprometimento nos estudos.

Em meados dos anos 90 matriculada no Colégio Atena com 15 anos de idade, esta instituição localizada na Rua Presidente Olegário Maciel 745 no Centro, que oferecia ensino fundamental, ensino médio e cursinho pré - vestibular.

Iniciei o 1º ano, enfrentei muitos contratempos, pois todos os alunos vinham de escolas particulares com física e química de letra. Porém eu não tinha nem noção o que dificultou muito o aprendizado. No primeiro semestre fiquei com notas baixas em todas as matérias, porém fui estudando das 7:00 às 16:00 todos os dias até entrar no ritmo de todos. Foi um momento bom e diferente onde fui muito bem acolhida estudei dos 15 até os 17 anos de idade, concluindo o ensino médio e o cursinho pré - vestibular todos juntos.

O Colégio Atena era prédio pequeno, construído em uma estrutura muito antiga, a parte externa era composta por muros altos com o símbolo da escola, e a parte interna era composta por várias salas que ficavam localizadas em grandes corredores, uma lanchonete pequena, uma quadra, não tinha parquinho, sala dos professores, secretaria e um laboratório. Quando entrei neste colégio tive várias dificuldades de aprendizado e adaptação, porque o



ensino, a frequência e o formato das avaliações eram totalmente diferentes da escola que estudei o ensino fundamental. Diante disso, os professores me acolheram e me davam aulas de reforço à tarde até eu conseguir aprender as matérias e me adaptar ao ritmo da escola. No ensino médio as pessoas eram mais diversificadas, ou seja, de diversas classes sociais porque o colégio era muito conhecido por oferecer ensino médio de qualidade. Este período, conheci várias pessoas boas e fiz bastantes amizades que levo para minha vida até hoje.

Quando terminei o ensino médio, prestei 2 vestibulares, portanto o primeiro vestibular que prestei na Universidade Federal de Uberlândia passei porém não pude ir devido alguns dificuldades enfrentadas naquele momento e o segundo passei, conseqüentemente a isto meu pai trabalhava em uma empresa que pagava 80% de qualquer faculdade particular para os filhos dos funcionários, então decidi entrar e continuar para que eu pudesse ter uma graduação.

Prestei faculdade de Biologia na Universidade Federal de Uberlândia e também na Faculdade Uniaraxá de Araxá, pois por motivos maiores não pude ir pra Uberlândia e me formei na Uniaraxá.

Existiam diversas aulas, encantei – me com tudo devido ao tamanho da faculdade, professores com um enorme conhecimento, porém ao iniciar o curso não foi nada fácil, deu vontade de desistir por estar muito tempo sem estudar. Para mim as primeiras disciplinas, com seus nomes científicos difíceis me causavam medo, insegurança de medos de alguns bichos como exemplo as cobras. Mas aulas de anatomia e a área de saúde ressaltou um interesse maior.

Nesta faculdade fui muito feliz, conheci pessoas que levo até hoje comigo, tenho um carinho muito grande por esta instituição, me lembro de cada professor e de cada aluno que esteve comigo durante os 3 anos que permaneci no curso. A minha turma foi a 3º turma do curso de, era composta por pessoas de várias cidades o que deixava as aulas bem mais diversificadas porque cada aluno trazia uma bagagem diferente da sua região. Consegui um estágio em um laboratório de análises clínicas e comecei a realizar diversas funções. A partir de minha formatura fui contratada por este, onde permaneci durante 8 anos e com muita



dedicação resolveram me auxiliarem em uma pós graduação, pois seria muito importante para a minha qualificação. Foi onde fui para Uberaba realizar a pós em Microbiologia.

Na minha primeira aula fiquei impressionada com o tamanho da instituição, a quantidade de salas e pessoas que por ali transitavam era impressionante, fiquei totalmente encantada e com medo de não gostar ou não me adaptar a nova realidade que escolhi para minha vida.

No decorrer dos anos engravidei e mesmo assim me dediquei muito para conseguir formar, para não desistir perante o cansaço de ter que viajar todos os dias 240 quilômetros, de ter que fazer estágio e ir para faculdade e principalmente das poucas horas dormidas. Me formei, com muito orgulho e hoje posso dizer que sou uma Bióloga e Microbiologista.

No ano de 2017, ao ver uma publicação nas redes sociais resolvi prestar vestibular novamente, só que desta vez para pedagogia, enfrentei muitas barreiras. Entre todas, a que me deixava mais triste eram as palavras negativas de alguns colegas de trabalho que diziam que eu não conseguiria passar no vestibular porque existiam pessoas mais capacitadas que eu. Mas tudo isso me fez acreditar no meu sonho e estudar com muito esforço para conseguir passar fiz a prova por fazer e nunca imaginei que iria passar, ao sair o resultado vi que havia sido aprovada. O despertar do interesse em se tornar pedagoga se deu através de algumas brincadeiras e diversão com crianças no meu serviço decidi tentar fazer uma graduação em Pedagogia, percebi ao longo dos tempos que crianças me encantavam. Minha irmã e eu prestamos o vestibular e passamos.

O curso de Pedagogia tem como objetivo formar profissionais para atuar na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. Nos cursos do ensino médio, modalidade normal de educação profissional, na área de serviço e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos.

Destina-se também à qualificação técnica, científica, pedagógica e cultural do professor para o ensino fundamental (1º ao 5º ano) objetivando a



ampliação, o fortalecimento e aprimoramento de suas competências intelectuais e profissionais, numa perspectiva humanística, de modo que seja capaz de assumir, enquanto cidadão e educador, uma participação consciente, ativa e construtiva nos processos educativos e sociais visando o exercício pleno da cidadania.

Este curso é oferecido pela Universidade Federal de Uberlândia a modalidade à distância e tem duração de 4 anos, fazer esta faculdade foi e esta sendo um desafio, estudar longe das salas de aulas e dos professores e do campus de uma faculdade, pois já estava habituada com a faculdade da minha primeira graduação. Outro desafio encontrado foi entregar os trabalhos a tempo e estudar para as provas com minha rotina corrida e sem intervalos.

Ingressamos na Faculdade Federal de Uberlândia, Mg foram momentos muitos bons. Mesmo sendo uma faculdade a distância percebi que seria uma atividade diferente, onde teria que ter disciplina para poder concluir o curso.

A turma de pedagogia é uma turma basicamente constituída por mulheres, na minha sala homem, é uma turma bastante diversificada no quesito profissão, com pessoas que já possuem graduação e pessoas que estão tendo uma oportunidade agora de conseguir a tão sonhada graduação. Os professores quase não têm contato conosco alunos a não ser nas webs conferências que são ofertadas raramente, contamos com o apoio para as dificuldades de dúvidas que vão aparecendo com a tutora Rita. As provas são realizadas uma vez a cada módulo no pólo da faculdade no SESI- SENAI na cidade de Araxá e os trabalhos entregues no programa virtual chamado AVA, esta faculdade está sendo uma grande novidade pra mim e espero concluí-la com bom rendimento e dedicação.

A turma pequena, continham pessoas de diversos ramos profissionais, o que trouxe muitas experiências diferentes para as aulas. Este curso não foi o que esperava, o ramo era totalmente diferente do meu, porém consegui ter uma visão pedagógica que antes não tinha e ver com enxergar com mais clara a respeito, os direitos e deveres e gestão escolar e os alunos e agradeço a



oportunidade de estar concluído de forma sólida esta graduação que com certeza é um diferencial no meu currículo e na minha vida.

É sabido que a educação infantil tem papel fundamental no desenvolvimento humano e social dos pequenos. Sendo assim, este estudo almeja analisar o cuidar e o educar, observando as questões existentes no cotidiano da instituição. O cuidado foi o foco da educação infantil durante os séculos em que os objetivos cotidianos estavam ligados à assistência. A mudança na concepção de infância e toda a trajetória histórica de lutas alavancaram leis que permitem um novo olhar para a criança. As instituições possuem amparo legal para cuidar e educar de forma indissociável, com um cotidiano de trabalhos intencionados, a fim de possibilitar a construção do conhecimento. Atualmente a concepção de que a criança é um ser com características bem diferentes das dos adultos, um ser particular e de direitos, tem gerado as maiores mudanças na Educação Infantil. Essa nova concepção tem tornado o atendimento às crianças de 0 a 6 anos ainda mais específico, exigindo do educador uma postura consciente de como deve ser realizado o trabalho com as crianças pequenas, mostrando-lhe as suas especificidades e as suas necessidades enquanto criança e enquanto cidadão. Visto esse caso irei discutir sobre a educação inclusiva das crianças.



2.2- TRABALHOS REALIZADOS:

A educação precisa, urgentemente, de profissionais que tenham essa visão de educar no sentir, pensar para que não só o cognitivo seja trabalhado, mas também os sentimentos, o cuidado com o outro, principalmente nos dias atuais, em que as escolas têm sido palco de violências entre alunos e professores. É preciso que sejam trabalhados, no educando, os valores morais e éticos e, nos professores, a alegria de atuar com satisfação. A disciplina Educação Especial me mostrou como agir frente ao aluno com necessidades especiais.

No Brasil, a inclusão é garantida por leis e documentos oficiais, que defendem a criação e execução de políticas públicas para a formação de professores para a educação inclusiva, numa tentativa de diminuir os efeitos da exclusão e atender à nova ordem vigente, que é a de ensinar a todos, sem distinção (ALMEIDA et al., 2007).

O conceito de necessidades educacionais especiais tem sido muito questionado nos últimos anos em decorrência de ser um termo amplo e vago, não se restringindo aos sujeitos com deficiência, mas às minorias excluídas socialmente, e, ainda, a todos àqueles que necessitem de qualquer apoio para realizar suas atividades regularmente.

Para pensar a inclusão é necessário considerar que o paradigma diferente só se torna viável, se a sociedade se dispuser como uma civilização renovada. Não se transpõem forças sociais tão poderosas quanto o poder econômico e o político, por meio de reformas metodológicas educacionais. Por isso, a objetividade educacional não pode endurecer-se nos parâmetros da modernidade, em interesses permeando os fins, cuja lógica antecipa possíveis perdas. A visão de planejamento inclusivo precisa prever o compartilhamento, em que vencer não supõe o meu ganho, mas reconhece a conquista na



possibilidade do outro se fazer mais completo. Com isso, o eu sente-se competente no seu papel dialógico, porque participa do processo.

As reformas havidas na educação se colocam à deriva das mudanças sociais, enquanto houver alunos que não encontrem na escola seu lugar de realização humana, de aprendizagem, de desenvolvimento. O professor não saberá o que é a inclusão, se acreditar que seu trabalho se limita à competência técnica e enquanto não descobrir a dinâmica da inter-relação entre as diferenças subjetivas e não apenas fisiológicas.

A escola, enquanto instituição social, precisa ser pensada como local de relação, em um processo social mais amplo, de vida. Nesse espaço, os cidadãos precisam reaprender juntos as habilidades para viverem juntos, em sociedade pois o principal argumento da inclusão é asseverar que todos os cidadãos são membros da mesma maneira importantes em uma comunidade e que a distinção e a disparidade enriquecem a comunidade escolar, oportunizando novas aprendizagens, questionando os modelos anteriores de educação segregada para as pessoas consideradas deficientes ou que por qualquer motivo não se adaptassem ao sistema escolar.

O presente trabalho de conclusão é fruto de uma rotina vivida nas escolas atuais brasileiras, o qual tornou-se inspiração para elaboração dessa pesquisa. Esta buscou conhecer a realidade das crianças e adolescentes com deficiências e seus direitos educacionais. A educação é muito mais do que ensinar e aprender a fazer conta, ler e escrever. O setor educacional tem hoje o papel de possibilitar e de oferecer alternativas para que as pessoas que estejam excluídas do sistema possam ter oportunidades de se reintegrar através da participação, bem como da luta pela universalidade de direitos sociais e do resgate da cidadania. O interesse nesse tema está provocando a revisão de numerosos sistemas educacionais, que, por consequência, delinearam ações harmônicas, como fazer o possível para que a educação chegue a todos os alunos em contextos regulares e não segregados.



Um Sistema Escolar Inclusivo é aquele cuja comunidade educativa tem o desafio de conseguir que a generalidade de seus alunos, seja qual forem suas diferenças, consiga ter sucesso na aprendizagem. A educação especial é fruto da mudança de concepção de sociedade, do avanço das políticas públicas e dos movimentos sociais que pressionam o Estado na viabilização de seus direitos como sujeitos sociais e a formação de profissionais da educação, principalmente dos professores, também é influenciada pelas mudanças ocorridas na coletividade, no universo do trabalho e na economia do país.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva dispõe que o público-alvo da educação especial é constituído por alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. A formação dos professores tem sido apresentada pelas discussões como o tema central no processo de inclusão e atendimento de alunos com necessidades especiais que no cotidiano da escolar se revelam as necessidades de formação do professor, onde se forja a sua identidade profissional.

Neste mesmo contexto será apresentada a Educação Inclusiva, sobretudo a Educação Inclusiva no Brasil, partindo da premissa de que a educação é direito de todos. Na estruturação das leis, dentre os discursos que amparam a igualdade pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), estão as que protegem a igualdade de condições para o acesso à educação, que determinam a inclusão das crianças com deficiências na rede pública de ensino.

Percebe-se que, a forma como a escola via a inclusão era algo que carecia de mudança; com efeito, incluir não é apenas colocar crianças dentro da escola, mas, sobretudo, procurar métodos adequados e mais eficientes, de forma a obter um desempenho social significativo, capaz de chegar a uma educação de qualidade. Nos dias atuais, o sistema de ensino precisa ter um olhar especial para práticas pedagógicas, transformando o ensino em uma educação inclusiva, respeitando a diversidade. O papel de uma escola moderna deve ser



ajudar na construção do desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança, a fim de que ela se torne um cidadão. A inclusão de crianças com necessidades especiais se tornou o centro das discussões, no âmbito escolar, visto que, nem todas as pessoas envolvidas com a educação infantil estão preparadas, para fazer a inclusão propriamente dita. Visto que, essa escola de qualidade através de conteúdos e das relações sociais que proporciona, propicia o desenvolvimento humano respeitando e valorizando as diferenças.

Um grande desafio, no entanto, tem sido garantir que estes estudantes permaneçam e se desenvolvam na escola. Por isso, a implementação do modelo educacional inclusivo exige um processo gradativo, contínuo e contextual, que demanda ações relacionadas a políticas públicas, gestão escolar através de projetos de educação inclusivos se tornam consistentes e sustentáveis com ações contínuas relacionadas a cada uma das seguintes dimensões: políticas públicas, gestão escolar, estratégias pedagógicas, famílias e parcerias de profissionais da área de saúde. A educação inclusiva demanda e envolve a ação direta de diferentes atores e esferas sociais que se relacionam de modo interdependente, numa perspectiva de rede.

Assim, este estudo tem como objetivo compreender quais os facilitadores e as limitações do processo de inclusão escolar na visão dos professores. Ao se estruturar enquanto revisão integrativa de literatura pretende contribuir para a sistematização do conhecimento recente produzido acerca da inclusão escolar e as lacunas neste processo por auxiliar os professores a analisarem e refletirem sobre os desafios e dificuldades quanto a educação especial e a educação inclusiva nas escolas.

A Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996, em seu capítulo V, traz educação especial, como uma modalidade de educação escolar, sendo oferecida preferencialmente pelo ensino regular, para alunos com necessidades especiais, oferecendo quando necessário serviço de apoio especializado, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial, sendo dever constitucional do Estado, oferecer educação especial (BRASIL, 1996).



Segundo a Declaração de Salamanca (1994), as escolas deveriam acolher todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras.

A recorrente prática brasileira de implantar políticas educacionais, primeiramente pelas legislações, chega estranha ao cotidiano escolar como um imperativo. porque o professor desconhece os possíveis desafios. A teoria pedagógica sobre a inclusão não tem sido ensinada na formação inicial, nem na formação continuada. O que se tem feito são adaptações de discursos, mediante estudo de legislações. Mas não há o aprofundamento metodológico sistemático. As leituras desenvolvidas ao longo do ano letivo e as reflexões esporádicas não formam conceitos suficientes para quebrar antigos paradigmas, mais calcados na experiência, em modelos mimetizados. Os aspectos multifacetados da exclusão são denotados pela violência física, moral e social.

Nesse trabalho apontam a importância de compreender, a princípio, o processo de inclusão escolar, objetivando fazer o planejamento da aula antes de entrar em sala de aula facilitando estabelecer as estratégias e os recursos a serem utilizados. Também apontam a importância da equipe escolar composta por professores e profissionais da educação especial, famílias a fim de possibilitar a discussão e reflexão com a equipe sobre a prática pedagógica e situações do cotidiano escolar, bem como o recebimento de orientações mais específicas

Estudos relatam que para que um programa de inclusão escolar tenha sucesso, este deverá envolver a família do educando e permitir sua coparticipação na assistência e no desenvolvimento do aluno, possibilitando um trabalho conjunto entre escola, família e profissionais, no qual a família é o fator principal para a efetivação da escola inclusiva contribui com a escola por meio de informações, sugestões, críticas e solicitações, que sinalizarão os caminhos que a escola deve seguir.



Já o professor acredite na criança como um ser cognocente e que ele é a principal peça para que a criança se desenvolva, sendo necessário adotar estratégias durante o processo educacional. Estratégias estas que serão elaboradas diante do conhecimento do professor sobre seu aluno, sobre suas capacidades e necessidades, visto que a aprendizagem efetiva promove desenvolvimento, acontecendo por meio da mediação do professor, grupos, instrumentos.

Os coleguinhas de sala realizando as mesmas atividades contribuem para que todos possam aprender a matéria e assim auxiliar os alunos com NEEs, proporcionando as práticas de amizade e de trabalho cooperativo, não só entre eles, mas também entre aluno e professor. Como exemplo o relato de estudo em que alunos com deficiência auditiva tendiam a se ajudar diante das dificuldades apresentadas por eles durante o aprendizado, por exemplo, aqueles que têm menor perda auditiva desempenham o papel de intérprete e facilitador nas aulas.

Sendo assim, o estudo traz como objetivo geral, considerar o direito à educação de pessoas com deficiência, bem como fundamentar as expectativas e percepções dos profissionais da educação básica sobre a educação inclusiva ampliando a visão dos mesmos, no que tange a condição atual de assistência concedida às crianças e adolescentes com necessidades educativas especiais, além de mostrar como o profissional de Serviço Social, no exercer de suas atividades pode atendê-los.

Visto isso, este trabalho foi realizado através de uma pesquisa bibliográfica e estudo observador com o objetivo central de retratar o histórico da proposta da escola inclusiva, sobre a reorganização da educação especial e refletindo sobre a importância de uma formação docente que contribua para o desenvolvimento de uma educação que respeite a diversidade. Teve ainda como objetivos específicos, o propósito de abordar a trajetória histórica da educação das pessoas com necessidades educacionais especiais, desde os atendimentos segregativos até os processos.



Foram realizadas aulas em uma escola infantil, aulas ministradas por mim, onde foi proposto fazer uma atividade lúdica, a qual todos os alunos pudessem participar. No primeiro momento, foi realizado uma visita inicial a escola no dia 03 de outubro de 2019, no segundo momento foi a elaboração do Projeto de Intervenção realizado nos dias 03 a 04 de outubro de 2019 com a aplicação da Intervenção Escola Estadual Pio XII no dia 07 de outubro de 2019.

Como justificativa de tipo de intervenção realizar o trabalho de pesquisa de campo na escola, sentimos a necessidade de haver mais jogos e brincadeiras visando uma melhor fixação do conteúdo por parte dos alunos de forma lúdica e prazerosa.

Os jogos e brincadeiras em sala de aula são atividades complementares que possuem um conjunto de possibilidades que ampliam a percepção e interpretação da realidade. Além de seu papel lúdico, os jogos possibilitam que o professor discorra sobre regras e organização coletiva, assim como a importância do trabalho em equipe, companheirismo e empatia pelo próximo. Realizamos o projeto de intervenção na Escola Estadual Pio XII, sendo: “Balões com atividades anexadas dentro deles”, para agregar separação de sílabas e o termo Antônimo e Sinônimo.

A atividade foi realizada na sala da professora Aline Maria, com 26 alunos. Os alunos fizeram um círculo, onde cada um ganhou seu balão que estava cheio e com uma mensagem dentro. Eles brincaram uns quinze minutos jogando os balões para cima, depois de se divertirem bastante, cada um se sentou novamente no seu lugar. Nessa aula foi realizado uma dinâmica. Foram doados balões onde os alunos iriam jogar – lós para cima e todos defenderiam seu balão, o balão que estourasse continha uma palavra onde o aluno deveria ir até a lousa ler e escrever a palavra e depois escreve – lá separando- a em sílabas.

Não houve nenhuma dificuldade na elaboração das frases, alguns tiveram dificuldades em separarem sílabas mas foram poucos. A professora é sempre atenta e dedicada e a maioria da sala está no mesmo nível de aprendizado.



No trabalho de desenvolvimento da intervenção pedagógica, fomos muito bem recebidas e acolhidas por todos na Escola Estadual Pio XII. As crianças são maravilhosas, atentas e com uma curiosidade aguçada sobre tudo em sua volta, este contato prático foi primordial para nosso desenvolvimento educacional, com grande agregação de valor.

No desenvolvimento da brincadeira, as aprendizagens observadas, foi possível atrair a atenção das crianças, trabalhando sua concentração e disciplina. Com a utilização dos balões e a formação em círculo foi possível organizar os movimentos de cada criança e aqueles que não estavam realizando a atividade permaneciam atentos e loucos para estourarem seus balões para chegarem a sua vez de participar para ganhar a surpresa sozinho, pois foi passado a eles que o aluno que não realizassem a atividade sozinho teriam que dividir sua surpresa.

Foi alcançado o objetivo da intervenção de trabalhar o foco das crianças durante a execução da atividade, desenvolvendo habilidades de observação e reflexão.

A infância é a idade da brincadeira, por isso trabalhar com o lúdico nesta fase é uma das maneiras mais eficazes de envolver os alunos nas atividades. É de fundamental importância que o professor da educação infantil insira o brincar em seus projetos educativos, já que a brincadeira é a forma da criança trabalhar, refletir e descobrir o mundo que a cerca

No entanto, não basta somente inserir a brincadeira, é preciso ter intencionalidade, objetivos e consciência clara da ação em relação à aprendizagem infantil.

As contribuições das atividades lúdicas no desenvolvimento integral indicam que elas contribuem poderosamente no desenvolvimento global da criança e que todas as dimensões estão intrinsecamente vinculadas: a inteligência, a afetividade, a motricidade e a sociabilidade são inseparáveis,



sendo a afetividade a que constitui a energia necessária para a progressão psíquica, moral, intelectual e motriz.

Figura 1: Demonstração das crianças durante a atividade.



Fonte: própria autora

Acreditamos que a intervenção contribuiu no desenvolvimento das habilidades de observação, além de concentração nas atividades, o jogo de balões por sua vez, estimulam o desenvolvimento mental das crianças, além de lhes impor uma disciplina atrativa e agradável, aumentando suas capacidades, raciocínio e concentração. No final ainda participamos da atividade de ciências da professora Silvana que ensinava seus alunos a fazerem doce de leite ninho e montar o corpo humano através de bonecos de doces e depois eles poderiam comer os doces. Foram momentos bem prazerosos e podemos comemorarmos o dia das crianças com muito amor e carinho envolvido.

Figura 2: Trabalho de modelagem para as crianças com doce de leite ninho.



Fonte: própria autora



Figura 3: Despedida e premiação para as crianças



Fonte: própria autora

Foi um momento grandioso para meu crescimento tanto profissional quanto pessoal, porque existiam naquela classe crianças com dificuldades visuais, crianças com autismo e todas elas independente de suas limitações e tempo conseguiram atingir o princípio da brincadeira.

Muito emocionante poder ver que nas escolas brasileiras estão a cada dia capacitando professores para não haver essa divisão em sala pois muitos alunos sofrem nas escolas devido suas dificuldades. Pelo menos em cada sala escola existe um aluno que necessita de condições especiais para aprender. Por exemplo temos alunos com autismo, deficiências físicas e ou visuais TDH e entre outras diversas limitações. Devido a esse fato esse trabalho relata as deficiências que nossas escolas possuem.



Porém nem todas as escolas brasileiras mostram essa realidade. Durante a pouca parte vivenciada que professores que não possuem capacitações para atender essas necessidades.

Professores julgam a necessidade da utilização de recursos pedagógicos práticos, específicos, atrativos ao aluno e que os possibilitem superar as suas dificuldades facilitando o caráter geral do trabalho escolar. As autoras apontam como recursos equipamentos de tecnologia assistiva, tais como engrossadores para o uso de lápis, computadores adaptados conforme as necessidades do aluno e o uso da comunicação alternativa que permite promover e ampliar as habilidades das pessoas com limitações funcionais. Porém os professores e auxiliares não recebem orientações quanto à forma de utilização destes recursos, tornando-se assim ineficazes para o processo. Observa-se a necessidade de ajuda de pessoas especializadas para a confecção destes equipamentos de tecnologia assistiva, consolidando a necessidade da participação de órgãos da educação e da terapia ocupacional para elaboração e indicação de recursos de tecnologia assistiva (ALVES; MATSUKURA, 2012).

Através de vários estudos verificou se que nas escolas tanto professores, pais e escolas devem fazer um trabalho conjunto de forma que auxiliem todas essas crianças vencer essas barreiras. Para tanto fez-se necessário realizar uma pesquisa bibliografia para ampliar o conhecimento sobre o tema proposto.



.3- CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Uma escola de educação infantil com uma concepção pedagógica é uma instituição que tem em seu cotidiano o cuidado com a proteção e a higiene das crianças; que tem objetivos inclusivos ao se adequar para receber crianças com deficiência; que propõe atividades reflexivas às crianças; que desenvolvem atividades psicomotoras para os menores; que possuem um espaço pensado especialmente para crianças de zero a seis anos; que buscam a integração dos professores na construção do projeto político pedagógico; que possibilitam que as crianças imaginem, criem e signifiquem os brinquedos e objetos. Todos esses aspectos, e outros tão importantes quanto, foram percebidos durante as observações nesta instituição de educação infantil do município de Araxá. O cuidar e o educar são indissociáveis na educação infantil, quanto menores as crianças, mais atenção elas precisam em seus cuidados diários. Por isso é importante, além de um professor qualificado, um auxiliar de sala para colaborar com os cuidados e as necessidades infantis. Desta forma, o professor poderá promover a educação de uma forma mais tranquila e equilibrada, proporcionando às crianças momentos de construção do conhecimento por meio de atividades com intenções pedagógicas. Estar presente nesta instituição com as professoras e as crianças proporcionou-me um olhar diferenciado sobre o cotidiano de um centro de educação infantil. Podemos perceber o entrelaçamento entre o cuidar e o educar e todas as movimentações pedagógicas de uma prática intencionalizada. Esta prática exige cuidado, acolhimento, carinho, afetividade, autonomia, mediação, atenção, responsabilidade, registro, reflexão e muita dedicação para que os resultados sejam satisfatórios. Trabalhar com as crianças pequenas é ter a oportunidade de vivenciar um mundo novo a cada dia. As conquistas e as construções dos pequenos tornam todo o processo pedagógico válido e emocionante. O sentimento é o integrante principal desse cotidiano de novidades.

Ao desenvolver este trabalho, foi possível lembrar vários fatos bons e ruins que aconteceram durante minha vida escolar além de rever fotos antigas, lembrar as velhas amigas, os professores e cada escola que estudei. Ao ler



cada página me fez reviver um pouco da minha história foi o mesmo que passar um filme desses 30 anos de vida escolar, mas acredito que foi de grande valia todo este esforço e dedicação. Nessa fase final e um momento difícil om toda essa pandemia presente, porém estaremos nas salas reunidos integrando esse alunos com todos com o objetivo de serem unidos independente de suas diferenças.

As propostas de aprendizagens proporcionadas pelo curso foram muito significativas e, aos poucos, consegui superar algumas dificuldades, tais como: conciliar escola, trabalho, filha, aulas on - line de filha (ensino remoto) devido a pandemia. Eu tinha consciência de que a mudança em minha prática teria que partir acima de tudo do meu interior. Esses momentos de estudos e busca de conhecimento me familiarizaram com as novas metodologias de ensino, levando-me a reflexões e, conseqüentemente, à mudança. Percebia, porém, que alguns aspectos do ensino tradicional não poderiam ser desprezados, e sim, renovados. A partir das trocas de experiências, passei a conhecer o trabalho dos colegas e o funcionamento de outras escolas. Faz-se necessário o educador se conscientizar de que a aprendizagem se consolida com a participação das diversas esferas da sociedade, não se limitando apenas à sala de aula.

Diante de tudo, qualquer profissional precisa ser cada vez mais competente no seu ofício. Principalmente, nós, educadores, precisamos ser comprometidos com a educação, gerando em nossa sala de aula um ambiente de conhecimentos, experiências e descobertas, para que professor e alunos aprendam juntos. A partir dessa disciplina ficou claro que um dos principais objetivos da escola é promover a formação integral dos alunos nos aspectos psíquicos, cognitivos e motores, respeitando não só as diversidades, mas também os conhecimentos e aprendizagens das crianças.

Acredito que a escola como lugar de aprendizagens e trocas de conhecimentos precisa levar em consideração as aprendizagens adquiridas em todas as esferas do conhecimento, respeitando os saberes e a cultura dos alunos adquiridos em outros ambientes, realizando estudos, pesquisas e planejamento,



procurando melhorar o ensino e aproximação dos familiares no processo de aprendizagem das crianças.

Visto todas as dificuldades encontradas pode – se notar que a escolha dos recursos e estratégias a serem utilizadas em sala de aula não ocorre aleatoriamente. O professor necessita planejar aula, mas primeiramente deve traçar quais serão as estratégias que este utilizará para ministrar as suas aulas e assim definir quais serão suas ações, é necessário ter um olhar mais amplo, um olhar para a estrutura externa do ambiente educacional, como também para o interior da instituição, observando a forma como este aluno chega à escola e como este adentra o prédio.

Não basta apenas ocorrer a adequação de tarefas, como as citadas acima, é necessário fazer o uso de recursos que permitam facilitar o processo de ensino no decorrer do aprendizado, sejam estes equipamentos de tecnologia assistiva ou recursos materiais ou vivenciados. Nesta categoria os artigos expõem os fatores que contribuem para o processo de inclusão escolar, sendo eles a necessidade da presença de outros profissionais especializados, a busca do conhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras), no caso da inclusão do aluno surdo, necessidade de reflexões diárias entre as equipes sobre a prática pedagógica desenvolvida.

Deve-se lembrar que a educação inclusiva não envolve apenas governo, leis, escolas e alunos, o professor o agente principal, estando mais envolvido e sendo o responsável maior no processo in aponta que no trabalho de inclusão é preciso envolver também a família como coparticipante no apoio ao aluno, possibilitando assim um trabalho integrado entre escola, família e profissionais. A parceria entre escola inclusiva e família é fundamental no processo de inclusão, a fim de quebrar barreiras na participação e inclusão social.

Partindo para a metodologia do ensino a compreensão dos conteúdos deu-se com as práticas adotadas pelas professoras que possibilitaram o exercício de atividades diversificadas e dinâmicas. Que apontam que dentre as



várias dificuldades apresentadas pelos professores e demais profissionais que atuam na educação especial, a principal é a dificuldade em comunicar-se com o aluno ou interpretá-lo em certas situações. Como exemplo, o não conhecimento de Libras, como facilitador da interação e desenvolvimento do aluno surdo, como também a presença de um intérprete em sala de aula. Algumas escolas ou coordenações não estão preocupadas em ter equipes com profissionais especializados, com cuidadores ou auxiliares e professores capacitados para atenderem em salas com recursos multifuncionais e família, como também não se preocupam em informar previamente os professores sobre a matrícula de um aluno com NEES (Alunos com Necessidades Especiais), para que este possa se preparar para o estabelecimento de práticas inclusivas para que seja por eles não aceitarem as atividades da forma como estão adaptadas ou os recursos, ou apenas não quererem participar ou não compreenderem as atividades.

Os recursos devem partir de atividades concretas para experiências cotidianas vivenciadas, pode – se verificar se possível fazer uso de alfabeto móvel, figuras geométricas, animais, objetos, como também de pessoas, histórias, música, vídeos, atividades que estimulem sensorialmente, ou até mesmo o uso de atividades que tragam desenhos atuais, construção de jogos e brinquedos sendo necessária a mudança dos graus de complexidade das atividades no decorrer do processo; auxílio verbal e físico. Outro recurso a ser utilizado é o estabelecimento de regras, rotina e uso da mediação, seja dos professores ou auxiliares ou colegas de sala, podem ser utilizadas também atividades grupais, estas propiciam trocas de experiência e desenvolvimento de cooperação entre os alunos que relatam a necessidade de olhar para a infraestrutura institucional, tornando este um ambiente acessível, sendo desde o ambiente externo institucional até o ambiente interno, como salas, corredores, banheiros, tendo manutenção e restauração destes espaços.

Nota-se a necessidade de consolidar uma prática social que encoraje escola, família e alunos a reverem comportamentos e crenças, permitindo uma facilitação entre a articulação de programas e políticas, estabelecendo, assim,



uma inclusão não apenas educacional, mas também social, garantindo as necessidades dos alunos. A família é o primeiro grupo social em que a criança está inserida, sendo esta a responsável por tomar as decisões, enquanto a criança não atinge a maioridade. Portanto, quando as crianças entram no ambiente escolar, é a família que toma as decisões sobre a participação destas ou não nas atividades propostas pelos professores. Alguns autores discutem que algumas famílias tornam - se um empecilho para efetivação do processo de inclusão escolar, pois estas não aceitam a deficiência da criança e desta forma, não aceitam que seus filhos participem das atividades da forma que estão sendo sugeridas. Sendo assim, podemos apontar a necessidade de trabalhar em conjunto com os pais e responsáveis, pois a atitude dos pais é um dos fatores que dificulta ou impossibilita o êxito da inclusão escolar, sendo as crenças parentais um dos determinantes para a implementação do programa de inclusão escolar. Portanto, o sucesso da inclusão escolar requer que a comunidade acredite na competência das escolas em atender às necessidades de todos os estudantes.

Vê-se a necessidade de incentivar e melhorar a formação dos professores, pois assim estes se sentem mais capazes e seguros para transmitirem o conhecimento, como também para identificar as necessidades e capacidades de um aluno. Este despreparo não só é oriundo da falha de sua formação, como também das especificidades da educação especial, gerando certas vezes o sentimento de angústia e medo nestes professores, sobre sua capacidade de transmissão de conhecimento, para o aprendizado efetivo do outro para que os pais obtenham confiança na capacidade de as instituições educarem alunos com ou sem necessidades especiais em conjunto.

Podemos apontar que nenhum artigo relatou sobre questões de vulnerabilidade socioeconômica, aspectos comportamentais, seja dos alunos ou dos seus familiares e a forma como estes aspectos interferem no processo de inclusão e permanência do aluno no ambiente educacional.



Conclui-se que existem evidências sobre facilitadores e limitações do processo de inclusão escolar na visão dos professores. Os resultados apontam a importância de um olhar amplo sobre a educação inclusiva e a grande necessidade de adaptações para a efetivação deste processo. Foram poucas as publicações que explicitaram sobre os sentimentos vivenciados pelos professores frente às dificuldades oriundas do processo de inclusão escolar. Sendo apontados na maioria dos artigos apenas os aspectos técnicos fundamentais para a efetivação do ensino aprendizagem de alunos com NEEs (Alunos com Necessidades Especiais), não dando enfoque para os sentimentos dos professores neste processo.

Conclui-se que, diante do perfil do quadro de profissionais brasileiro, que existe algumas pessoas experientes preocupados com a formação de seus alunos de forma integral. E também que existem professores que não estão aptos para estar vivenciando a inclusão, porém essa realidade vem mudando a cada dia. Professores estão se capacitando para conseguirem incluir todos os alunos.

Reconheço que é imprescindível a construção de uma educação que venha desenvolver competências, proporcionando a formação de cidadãos críticos, reflexivos e conhecedores dos seus direitos para que possam ter a perseverança e coragem de lutar por seus objetivos

Sabemos das dificuldades encontradas no dia-a-dia de uma escola e que trabalhar com alunos inclusos é um desafio, porém pode dizer que a escola é comprometida com a formação dessas crianças e prima pela qualidade na educação. Tenho certeza de que as lutas travadas, o cansaço, o desânimo e a ansiedade observados nessa trajetória acadêmica não foram em vão. Hoje, me considero vitoriosa e orgulhosa de poder ter vivenciado nesse trabalho muita alegria e amor nos olhos daquelas crianças que me acolheram como se eu estivesse sendo incluída na sala deles, sem barreiras e preconceito.



Entretanto, faz-se necessário que se prime pela inclusão nos aspectos da capacitação do docente, em investimentos de infraestrutura, material didático pedagógico e sobretudo na luta pela equidade social que, por sua vez, deve ter como aliada a escola e suas práticas sociais. Vale ressaltar que, embora tenha alcançado essa conquista, estando trabalhado na área da saúde ainda e vivenciando o crescer de cada tenho consciência de que é preciso prosseguir em busca de novos conhecimentos, a fim de aprimorar minha atuação na profissão que escolhi, visto que esta fonte inesgotável chamada conhecimento, está sempre à disposição para saciarmos a nossa sede.



4- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, D. B. et al. Política educacional e formação docente na perspectiva da inclusão. *Educação (UFSM)*, Santa Maria, v.32, n.1, p.327-342, 2007.

ALVES, A.C. J.; MATSUKURA, T.S. O uso de recursos de tecnologia assistiva por crianças com deficiência física na escola regular: a percepção dos professores. *Cadernos de Terapia Ocupacional UFSCar*, v.20, n.3, p.381-392, 2012.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília: Corde, 1990.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394 de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação Básica. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, Resolução CN/CEB nº 2 de 11 de setembro de 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica. Brasília: MECSEESP, 2001a.

BRASIL. Plano Nacional de Educação – Lei 10.172, de 09 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Brasília: Plano, 2001b. (apresentado por Ivan Valente. Rio de Janeiro: DP&A, 2001).

BRASIL. Ministério da Justiça. Secretária Nacional dos Direitos Humanos. Declaração de Salamanca, e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. 2. ed., Brasília: CORDE, 1997.



BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Conselho Nacional da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica* Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília, DF: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 12 abr. 2015.

»

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf&Itemid=30192

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia de assuntos jurídicos, Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 5 abr. 2015.

» http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. *Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais*. Salamanca-Espanha, 1994. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 2 abr. 2015.

» <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>

LIMA, H.T.S. O papel do professor no contexto inclusivo: uma reflexão a partir da teoria de subjetividade. *E-Revista Facitec*, v.4, n.1, 2010.

MARCHESI, Á. MARTIN, E. Da terminologia do distúrbio às necessidades especiais. In: COLL. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.



SAVIANI, D. Educação brasileira: estrutura e sistema. Campinas: Editores Associados, 1995.

VIGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. São Paulo. Martins Fontes, 2000